JOURNAL USA

DEFENDA A Vida Selvagem

Unindo Forças para a Conservação

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA
VOLUME 17 / NÚMERO 2

Publicado em dezembro de 2012

Coordenadora, Dawn L. McCall; editor executivo, Nicholas S. Namba; diretor de Conteúdo Escrito, Michael Jay Friedman; diretora editorial, Mary T. Chunko; editora-gerente, Ashley Rainey Donahey; editora colaboradora, Mary-Katherine Ream; chefe de Produção, Michelle Farrell; designers, Dori Walker, Lauren Russell, Julia Maruszewski

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica a revista eletrônica *eJournal USA*. Cada edição analisa uma grande questão enfrentada pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional e informa os leitores internacionais sobre a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

Cada *eJournal* é publicada em inglês, seguida pelas versões eletrônicas em espanhol, francês, português e russo. Algumas edições também são traduzidas para o árabe, o chinês e o persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas em *eJournal USA* não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

Editor, *eJournal USA*
IIP/CD/WC
U.S. Department of State
2200 C Street, NW
Washington, DC 20522-0501
USA
E-mail: eJournalUSA@state.gov

Imagem da capa ©Carlos Caetano/Shutterstock.com

Fotografias do globo usadas nos infográficos ©Anton Balazh/Shutterstock.com

Sobre esta edição

©Comstock/Thinkstock

Todos os anos, milhares de espécies de animais são extintas. Animais que antes vagavam pela Terra em abundância estão desaparecendo de maneira permanente do planeta em ritmo assustador. Os cientistas estimam que o atual índice de extinção seja mil vezes maior do que seria naturalmente. O que causou esse rápido aumento das extinções? A resposta simples e alarmante: os seres humanos.

O que está errado?

Estamos consumindo os recursos naturais da Terra mais rápido do que eles podem ser renovados. Estamos destruindo seus hábitats, seus alimentos, água e ar — bem como os próprios animais — em um índice insustentável. À medida que mais ninhos de pássaros são destruídos para a construção de arranha-céus, rios são drenados para a pavimentação de estacionamentos e elefantes são abatidos para a fabricação de adornos, o número e a diversidade dos animais encolhem.

Além do nosso alto consumo de recursos, uma tendência ainda mais perturbadora está ameaçando nossa vida selvagem: o tráfico. O comércio ilícito de animais e de partes de seu corpo para venda no mercado negro está crescendo. O aumento da demanda por produtos provenientes de alguns dos animais terrestres mais icônicos do mundo — como elefantes, tigres e rinocerontes — ameaça dizimar não apenas essas espécies, mas a paz, a saúde e a prosperidade das pessoas que vivem próximas deles.

Por que devemos nos importar

Quando uma espécie inteira de animais é extinta, a perda é maior do que a soma dos animais perdidos. Embora possamos considerar o mundo animal separado do nosso mundo, nossas vidas e as deles estão interligadas, conectadas por milhões de fios. Plantas, animais, pessoas e o meio ambiente juntos constituem uma comunidade biológica — um ecossistema — no qual cada parte depende do outro para sobreviver. Quando uma parte do quebra-cabeças entra em desequilíbrio ou é completamente eliminada, o sistema todo sofre. Além disso, o tráfico de vida selvagem reduz a segurança dos cidadãos e os lucros de negócios legítimos.

Todos podem ajudar

Embora os seres humanos sejam a maior ameaça à vida selvagem, também somos sua única esperança. Em todo o mundo pessoas e pequenos grupos, bem como grandes organizações, empresas e governos, estão fazendo sua parte para garantir um futuro mais seguro para a nossa vida selvagem — e para nós. Desde conter a demanda por produtos derivados de animais, criar e aplicar leis contra o tráfico ilegal e ser voluntário em organizações conservacionistas que ajudam a proteger espécies em perigo de extinção, os heróis da conservação estão combatendo as ameaças enfrentadas pelos animais do planeta de diversas maneiras.

Nenhuma ação de conservação é pequena demais para ser importante. Talvez não sejamos capazes de recuperar espécies que já foram perdidas, mas há muitas outras em vias de extinção que precisam de nossa atenção e ação imediatas. Não seja parte do problema. Seja a solução: respeite e proteja a vida selvagem da Terra.

— Os editores

DEFENDA A VIDA SELVAGEM: UNINDO FORÇAS PARA A CONSERVAÇÃO

Índice

©Wiklander/Shutterstock.com

EM FOCO

APRENDENDO A GOSTAR DE LÊMURES EM MADAGASCAR
Ashley Rainey Donahey

A original campanha de ecoturismo da Embaixada dos EUA em Antananarivo está mudando a maneira de as pessoas pensarem o meio ambiente. **16** |

DESTAQUES

A Sociedade para a Conservação da Vida Selvagem salva espécies e espaços icônicos. **19** | O Fundo Mundial para a Natureza fortalece comunidades, impulsiona a conservação. **21** | A WildAid convence primeiro os consumidores. **22** | A Rare usa o marketing social para o bem social. **30** | A Fauna e Flora Internacional ajuda outros a ajudar a vida selvagem. **32** | A Associação de Zoológicos e Aquários faz conexões por meio da conservação. **34** |

A GRANDE MATÉRIA

4

A TRAGÉDIA DO TRÁFICO: O SALDO DO COMÉRCIO ILEGAL DE VIDA SELVAGEM

Jeff Corwin, biólogo e conservacionista americano especialista em vida selvagem e ganhador do prêmio Emmy

Rinocerontes, tigres e elefantes estão sendo abatidos em números recorde, alimentando o crescente comércio ilegal de vida selvagem. O que isso significa para os animais, o meio ambiente e para nós?

MAIS

Infográfico: Rompa o círculo vicioso **14** | Galeria de fotos: Parques nacionais dos EUA **24** | Animais dos estados americanos: espécies simbólicas **28** | 10 maneiras de participar **36** |

©Johan W. Ezenga/Shutterstock.com

“Nos últimos anos o tráfico de vida selvagem tornou-se mais organizado, mais lucrativo, mais disseminado e mais perigoso do que jamais esteve.”

— Secretária de Estado dos EUA, Hillary Rodham Clinton, 8 de novembro de 2012

©mlorenz/Shutterstock.com

©Steve Wilson/Shutterstock.com

O aumento da demanda por produtos provenientes dos animais terrestres mais icônicos do mundo — como elefantes, tigres e rinocerontes — está ameaçando dizimar não apenas essas espécies, mas a paz, a saúde e a prosperidade das pessoas que vivem próximas deles.

Jeff Corwin

A TRAGÉDIA DO TRÁFICO

o saldo do comércio ilegal de vida selvagem

Sumatran tiger ©WildArder/Shutterstock.com

Poucas coisas na vida são mais perturbadoras do que as consequências do tráfico de vida selvagem: um rinoceronte morto deitado de lado com um buraco onde deveria estar o chifre; um tigre ensanguentado, cuja pele listrada foi roubada; ou um elefante sem focinho e sem sua antes formidável tromba.

No entanto, essa é a realidade condenável do mercado negro de vida selvagem, uma indústria tão disseminada que a Global Financial Integrity, organização sem fins lucrativos que denuncia crimes transnacionais, estima o lucro anual dessa indústria entre US$ 7,8 bilhões a US$ 10 bilhões, atrás apenas do mercado negro de armas e entorpecentes ilegais. A caça ilegal — captura, matança ou apropriação ilegais de vida selvagem — está relacionada com outras formas de comércio ilegal. De fato, em geral, os crimes estão interligados, com contrabandistas partindo para o tráfico de animais para mascarar o tráfico de drogas, dificultando ainda mais a fiscalização.

A matança de elefantes, rinocerontes e tigres para retirada de presas, chifres e peles alcançou proporções críticas nos últimos anos. Na África do Sul, 448 rinocerontes foram mortos em 2011 — aumento maciço em comparação com os 13 rinocerontes mortos em 2007. Desde o início de 2012, somente em Camarões, mais de 250 elefantes foram mortos por caçadores ilegais transfronteiriços fortemente armados. Na Índia, uma onda recente de mortes de tigres esteve relacionada com o aumento da caça ilegal e do tráfico de partes de tigres.

Além de serem abatidos para a obtenção da carne, os animais também são mortos para o uso de partes do corpo em remédios da medicina popular asiática e para fins ornamentais. Por exemplo, chifres de rinoceronte são usados para fabricar cabos de adagas e remédios contra a contra a febre; presas de elefante, para adornos; e peles de tigre, para roupas e acessórios.

O comércio de animais e produtos de animais em perigo de extinção — inclusive rinocerontes, tigres e elefantes — foi condenado pela Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Flora e Fauna Selvagens em Perigo de Extinção (Cites) em 1977, mas o mercado negro floresce da mesma forma. Apesar das práticas de fiscalização em determinado país, esse comércio é uma epidemia global pela qual um animal morto nas selvas da África pode terminar em restaurantes e lojas da Ásia.

Na página ao lado, da esquerda para a direita: tigre-de-sumatra ©blickwinkel/Alamy; rinocerontes-negros ©Images of Africa Photobank/Alamy; elefante-africano

©Big Life Foundation

Estima-se que caçadores mataram 25 mil elefantes-africanos em 2011. Alguns dizem que os números atuais podem ser duas vezes maior

Elefantes em crise

Para mim, a dor da matança de animais para o comércio ilegal de vida selvagem está encerrada na imagem de um desolado filhote de elefante que se recusa a sair de perto do corpo de sua mãe morta. Embora a mãe esteja desfigurada, inchada e exalando a morte, o filhote permanecerá ao lado da mãe até morrer de fome ou ser atacado por leões. O filhote literalmente não pode viver sem a mãe.

Por serem criaturas sensíveis ao toque e dependentes dele, os elefantes são também animais altamente emotivos capazes tanto de desalento quanto de alegria. Os elefantes são conhecidos por comemorar os nascimentos dos filhotes e enterrar e chorar a morte dos seus entes queridos. Quando encontram presas descartadas de elefantes mutilados por caçadores, muitas vezes as apanham e as levam consigo.

A matança de elefantes e as apreensões de marfim traficado aumentaram em grande escala nos últimos anos, atingindo os níveis mais altos em uma década. Kenneth Burman, especialista em estatística da Cites, contou recentemente à revista National Geographic

(continua na página 10)

ELEFANTE-AFRICANO

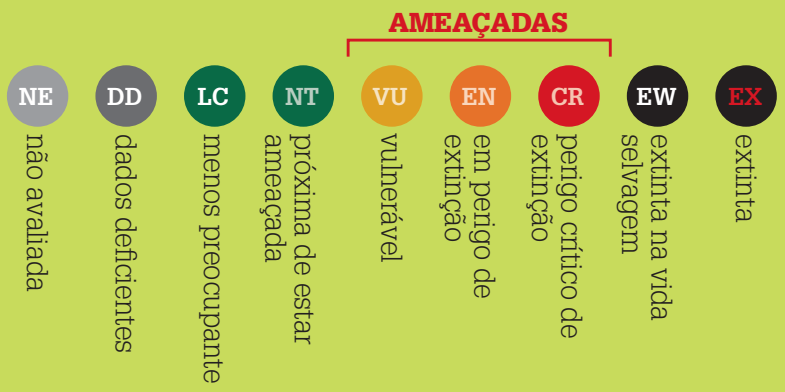
CAÇADO PARA OBTENÇÃO DO MARFIM DAS PRESAS

vulnerável

VU

Espécies em vias de extinção

A União Internacional para a Conservação da Natureza usa esta escala para classificar como estão ameaçadas certas espécies de animais.

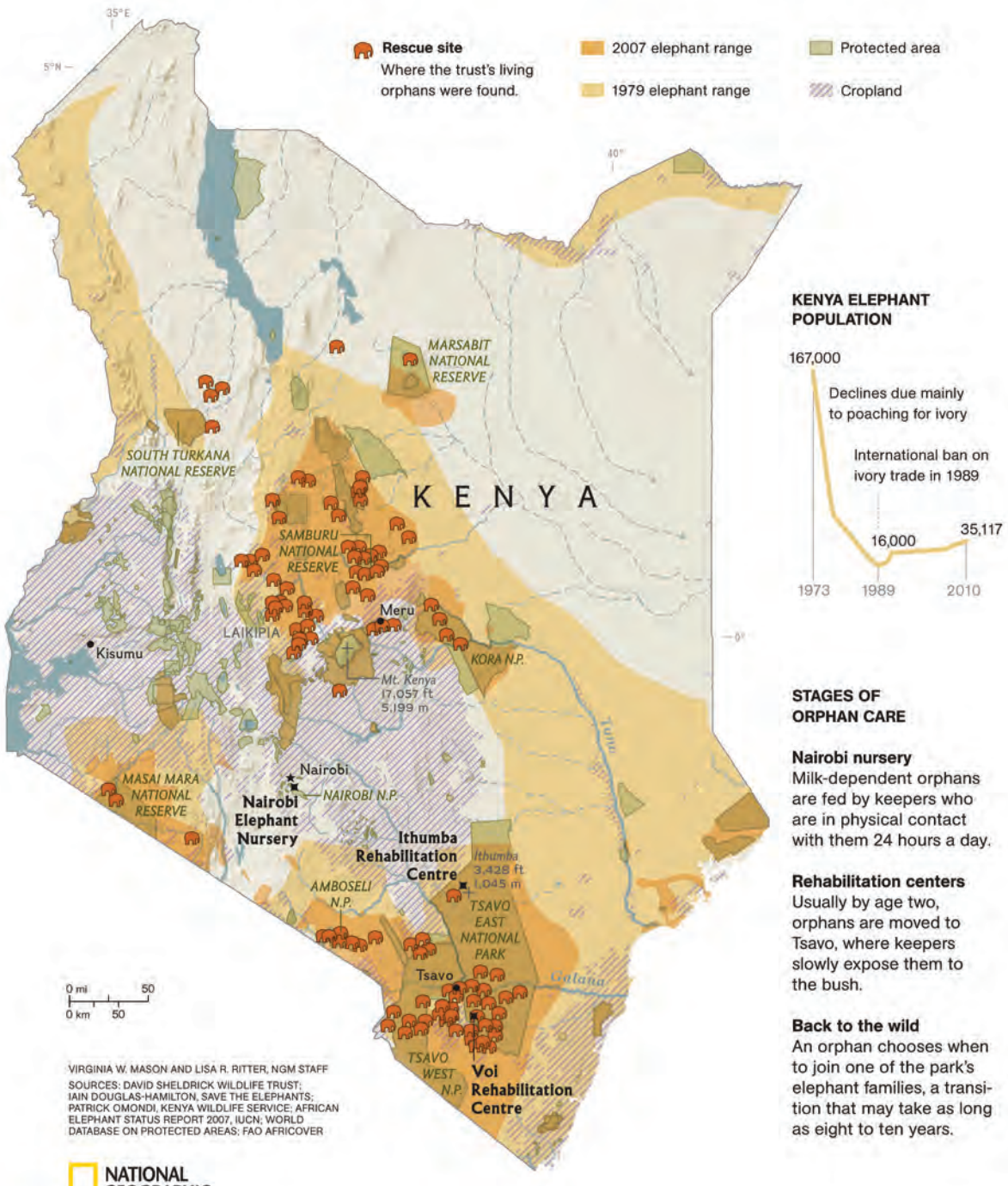


NE **não avaliada:** ainda não foi avaliada em relação aos critérios. DD **dados deficientes:** não há dados suficientes para fazer a avaliação do risco de extinção. LC **menos preocupante:** e menor risco. Não se qualifica para uma categoria de maior risco. Grupos taxonômicos generalizados e abundantes estão incluídos nesta categoria. NT **próxima de estar ameaçada:** provável perigo de extinção em futuro próximo. VU **vulnerável:** alto risco de ficar em perigo de extinção na vida selvagem. EN **em perigo de extinção:** alto risco de extinção na vida selvagem. CR **perigo crítico de extinção:** altíssimo risco de extinção na vida selvagem. EW **extinta na vida selvagem:** conhecida apenas por sobreviver em cativeiro ou como população naturalizada fora da faixa histórica EX **extinta:** não se tem conhecimento de nenhum espécime remanescente.

Fonte: União Internacional para a Conservação da Natureza

Saving Orphans

The David Sheldrick Wildlife Trust raises orphan elephants from across Kenya in stages that mirror maternal care in the wild. Most were orphaned by poachers or by farmers protecting crops. Many were separated from their families after falling into wells dug for livestock. Even as Kenya's decimated elephant numbers rise, a growing human population means that problems of sharing land will persist.



VIRGINIA W. MASON AND LISA R. RITTER, NGM STAFF

SOURCES: DAVID SHELDRICK WILDLIFE TRUST; IAIN DOUGLAS-HAMILTON, SAVE THE ELEPHANTS; PATRICK OMONDI, KENYA WILDLIFE SERVICE; AFRICAN ELEPHANT STATUS REPORT 2007, IUCN; WORLD DATABASE ON PROTECTED AREAS; FAO AFRICOVER

NATIONAL GEOGRAPHIC

COPYRIGHT © 2011 NATIONAL GEOGRAPHIC
REPRODUCED WITH PERMISSION

KENYA ELEPHANT POPULATION

STAGES OF ORPHAN CARE

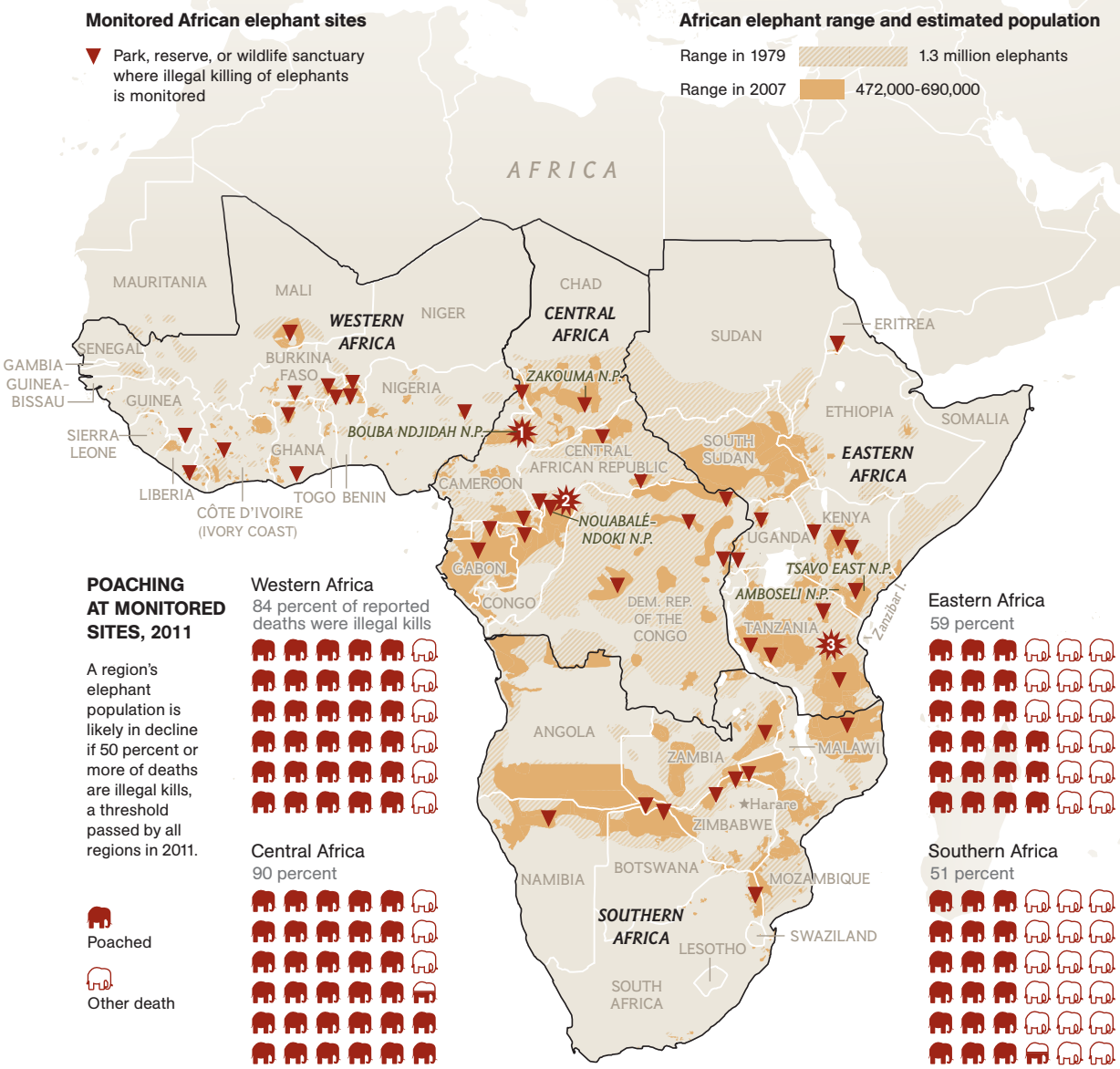
Nairobi nursery
Milk-dependent orphans are fed by keepers who are in physical contact with them 24 hours a day.

Rehabilitation centers
Usually by age two, orphans are moved to Tsavo, where keepers slowly expose them to the bush.

Back to the wild
An orphan chooses when to join one of the park's elephant families, a transition that may take as long as eight to ten years.

ELEPHANT POACHING

Killing African elephants for their ivory is devastating a species that's already losing ground to a growing human population. Estimates of poaching come from examining elephant carcasses at monitored sites (map). In 2011 poaching hit the highest levels in a decade, with the greatest impact in the central Africa region (charts below).



LARGE-SCALE POACHING

1 Cameroon, early 2012
Organized raiders on horseback from Chad and Sudan killed more than 300 elephants in Bouba Ndjidah National Park.

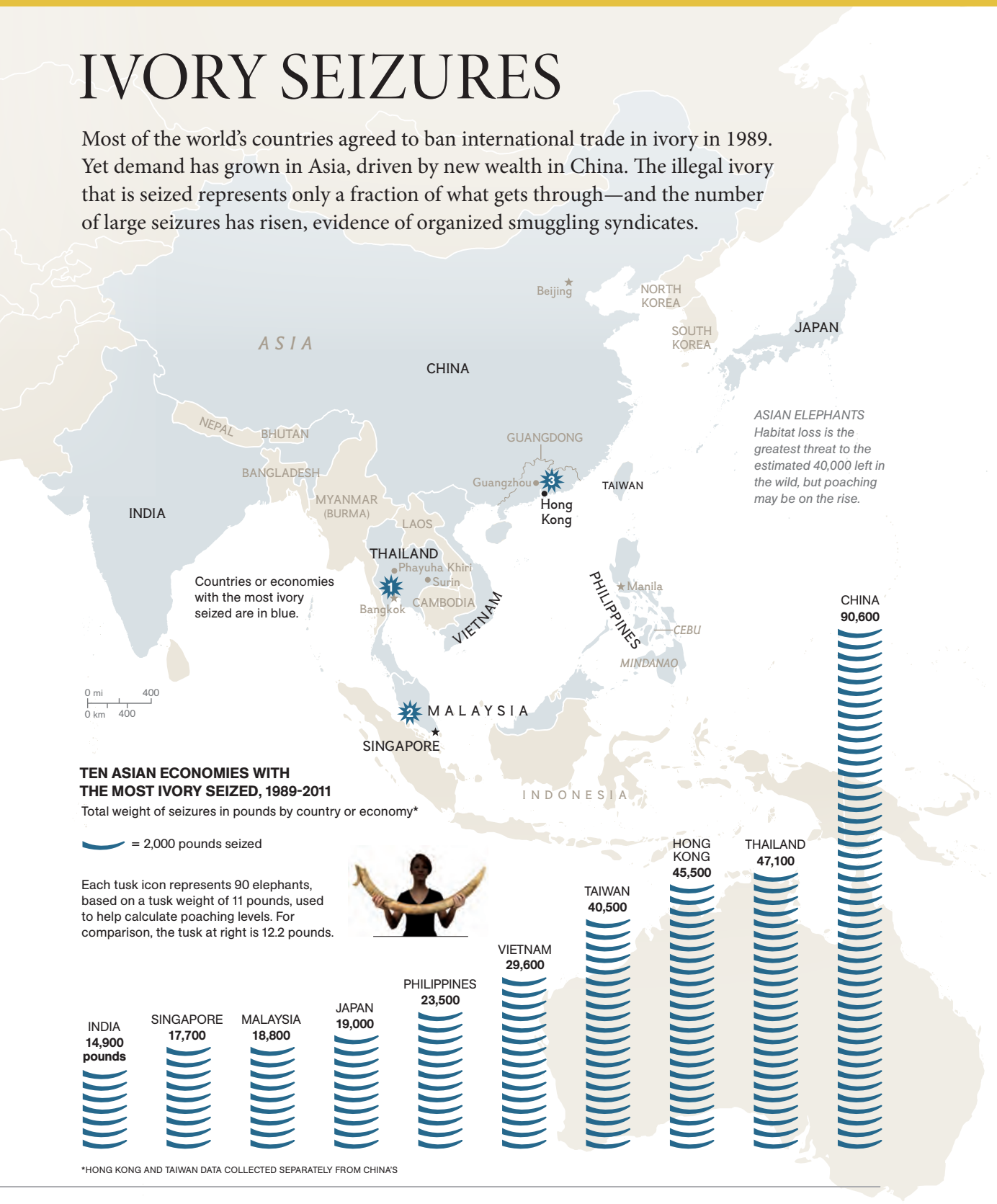
2 Congo, 2006-2011
Nearly 5,000 elephants died in lands outside Nouabalé-Ndoki National Park; new logging roads make the area more accessible.

3 Tanzania, 2012
Poachers are using poison so gunshots won't attract park wardens. Tanzania is a main shipping point for illegal ivory to Asia.

NGM STAFF. AFRICAN ELEPHANT DATA: CITES MIKE PROGRAMME; IAIN DOUGLAS-HAMILTON, SAVE THE ELEPHANTS; DIANE SKINNER, AFRICAN ELEPHANT SPECIALIST GROUP, IUCN.

IVORY SEIZURES

Most of the world's countries agreed to ban international trade in ivory in 1989. Yet demand has grown in Asia, driven by new wealth in China. The illegal ivory that is seized represents only a fraction of what gets through—and the number of large seizures has risen, evidence of organized smuggling syndicates.



TEN ASIAN ECONOMIES WITH THE MOST IVORY SEIZED, 1989-2011

Total weight of seizures in pounds by country or economy*

= 2,000 pounds seized

Each tusk icon represents 90 elephants, based on a tusk weight of 11 pounds, used to help calculate poaching levels. For comparison, the tusk at right is 12.2 pounds.

*HONG KONG AND TAIWAN DATA COLLECTED SEPARATELY FROM CHINA'S

SMUGGLING TACTICS

1 Bangkok, Thailand, 2011
An x-ray scan found 247 large tusks, valued by authorities at $3 million, in a shipping container of frozen mackerel from Kenya.

2 Malaysia, 2011
Shipping containers of recycled plastic from Tanzania also held nearly 700 tusks destined for China via Malaysia.

3 Guangdong Province, China, 2009
A rented Chinese fishing boat returned from the Philippines with 770 whole and partial tusks packed in five wooden crates.

IVORY SEIZURE DATA: TOM MILLIKEN, ETIS TRAFFIC. TUSK: SMITHSONIAN NATIONAL MUSEUM OF NATURAL HISTORY, COLLECTED 1909

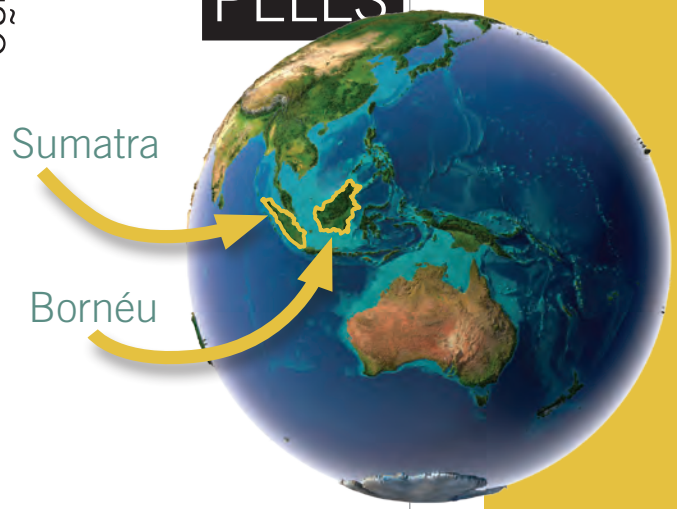
CR

perigo crítico de extinção

TIGRE-DE-SUMATRA

CAÇADO PARA OBTENÇÃO DE

BIGODES
OSSOS
PELES



RINOCERONTE-DE-SUMATRA

CR

perigo crítico de extinção

CAÇADO PARA OBTENÇÃO DE

CHIFRES

(continuação da pagina 6)

que é "muito provável" que caçadores tenham matado pelo menos 25 mil elefantes-africanos no ano passado. Os números reais podem ser duas vezes maiores. Com a demanda por marfim em alta, hordas de milícias fortemente armadas estão matando manadas inteiras de uma só vez, bem como quem quer que apareça na sua frente.

Rinocerontes em risco

A matança realizada por caçadores ilegais está dizimando populações de vários outros animais, dentre eles os rinocerontes. Ao mesmo tempo agraciados e amaldiçoados com um chifre que vale cinco vezes mais do que o ouro em algumas áreas do Leste Asiático, esse animal carrega no focinho o santo graal do mercado negro de forma tão evidente quanto um logotipo no capô de um carro de luxo.

Três espécies de rinoceronte — o rinoceronte-negro, o rinoceronte-de-sumatra e o rinoceronte-de-java — correm grande perigo de extinção, e o rinoceronte indiano consta da lista dos ameaçados. O rinoceronte-de-sumatra luta para sobreviver enquanto seu número diminui mais rapidamente do que o das outras espécies existentes. Nos últimos 20 anos, caçadores mataram mais da metade da população dos rinocerontes-de-sumatra existente no mundo, fazendo deles os que correm maior perigo de extinção na Terra.

De acordo com o Fundo Mundial para a Natureza (WWF), a demanda por chifre de rinoceronte resulta em pelo menos 1.300 mortes de rinocerontes por ano.

O valor do chifre de rinoceronte no mercado negro vem em grande parte da crença secular proveniente da medicina popular chinesa de que ele pode reduzir a febre e outros males. O mercado lucrativo continua apesar da evidência de que o chifre de rinoceronte não tem nenhum valor medicinal. Em 1983, em um esforço de informar o público, o WWF patrocinou um

Entre 1970 e 1992, 96% dos rinocerontes-negros da África foram mortos durante uma onda de caça ilegal para obtenção de chifre de rinoceronte.

©Imagens da África Photobank/Alamy

Esses dois filhotes de tigre-de-sumatra estão entre os menos de 3.200 tigres remanescentes

estudo para examinar os supostos "benefícios para a saúde" do chifre de rinoceronte. Como já era esperado, o estudo provou de maneira categórica que o chifre não tem efeito nenhum.

O presidente da Faculdade Americana de Medicina Tradicional Chinesa, Lixin Huang, confirmou esses resultados em recente declaração com a finalidade de arrefecer a demanda por chifre de rinoceronte. Ele acrescentou que o uso de chifre de rinoceronte como cura para o câncer "não está documentado na medicina tradicional chinesa, nem foi abordado pela pesquisa clínica na medicina tradicional chinesa".

Embora a maioria dos remédios tradicionais não seja prejudicial para os animais ou para o meio ambiente, remédios da medicina popular que exigem bigodes, gordura, pele e ossos de tigre estão ameaçando aniquilar outro animal vulnerável: o tigre.

Tigres à beira do abismo

Os tigres são os maiores dos "grandes felinos" (os outros são os leões, os leopardos e os jaguares). Medindo até quase 4 metros de comprimento e chegando a pesar quase 300 quilos, os tigres podem saltar duas vezes o comprimento do seu corpo e nadar até 6 km de uma estirada, às vezes carregando sua presa com eles. Espécie que um dia vagou por todo o Sul da Ásia e até a Rússia, os tigres agora existem na vida selvagem apenas na Índia, algumas partes do Sudeste Asiático e na Sibéria.

No início da década de 1900, a população de tigres no mundo foi estimada em mais de 100 mil exemplares. Atualmente, 97% dessa população foi dizimada, tendo restado menos de 3.200 tigres. Das oito espécies originais de tigre, três já estão extintas: o tigre-de-bali, o tigre-do-cáspio e o tigre-de-java. A matança de tigres para alimentar o comércio do mercado negro de pele, ossos e outras partes do corpo dos tigres está entre as principais razões para a rápida diminuição da população de tigres.

Não é apenas uma questão referente aos animais

Quando caçadores ilegais abatem um animal para retirar uma parte específica do corpo — como o chifre de um rinoceronte, os ossos de um tigre ou as presas de um elefante — o dano vai muito além do animal em si. O tráfico de vida selvagem pode dizimar a população de uma espécie, ameaçar a segurança regional, introduzir riscos à saúde de comunidades humanas e causar falhas em ecossistemas inteiros.

A proteção da vida selvagem pode parecer uma tarefa difícil em regiões atingidas por guerras, fome e

Homem posa com marfim confiscado e armas no Gabão. O comércio ilícito de vida selvagem está vinculado a outros crimes, como o tráfico de armas e drogas.

©Stockbyte/Thinkstock

"Nós não herdamos a Terra de nossos ancestrais; nós a emprestamos de nossos filhos."

doenças, mas o tráfico de vida selvagem sem controle realmente alimenta a violência, com os lucros obtidos pelos caçadores ilegais sendo usados com frequência para financiar e armar redes criminosas, assim desestabilizando regiões voláteis.

O tráfico de vida selvagem também ameaça a segurança econômica. Muitas regiões onde a caça ilegal é frequente dependem grandemente do turismo, especialmente o turismo ambiental. O menor número de animais para observar e o aumento da violência tiram a viabilidade da região como destino turístico. O comércio ilegal também desvia dinheiro de negócios legítimos e, em vez disso, coloca dinheiro nas mãos de criminosos, atrofiando o crescimento econômico.

O tráfico de vida selvagem também traz riscos à saúde pública. O aumento do número de doenças humanas — por exemplo, a Sars, a gripe aviária e o vírus ebola — é causado por agentes infecciosos transmitidos de animais para humanos. Com a burla aos controles de saúde pública, o comércio ilegal de animais vivos ou de partes de seu corpo coloca em risco a saúde das pessoas.

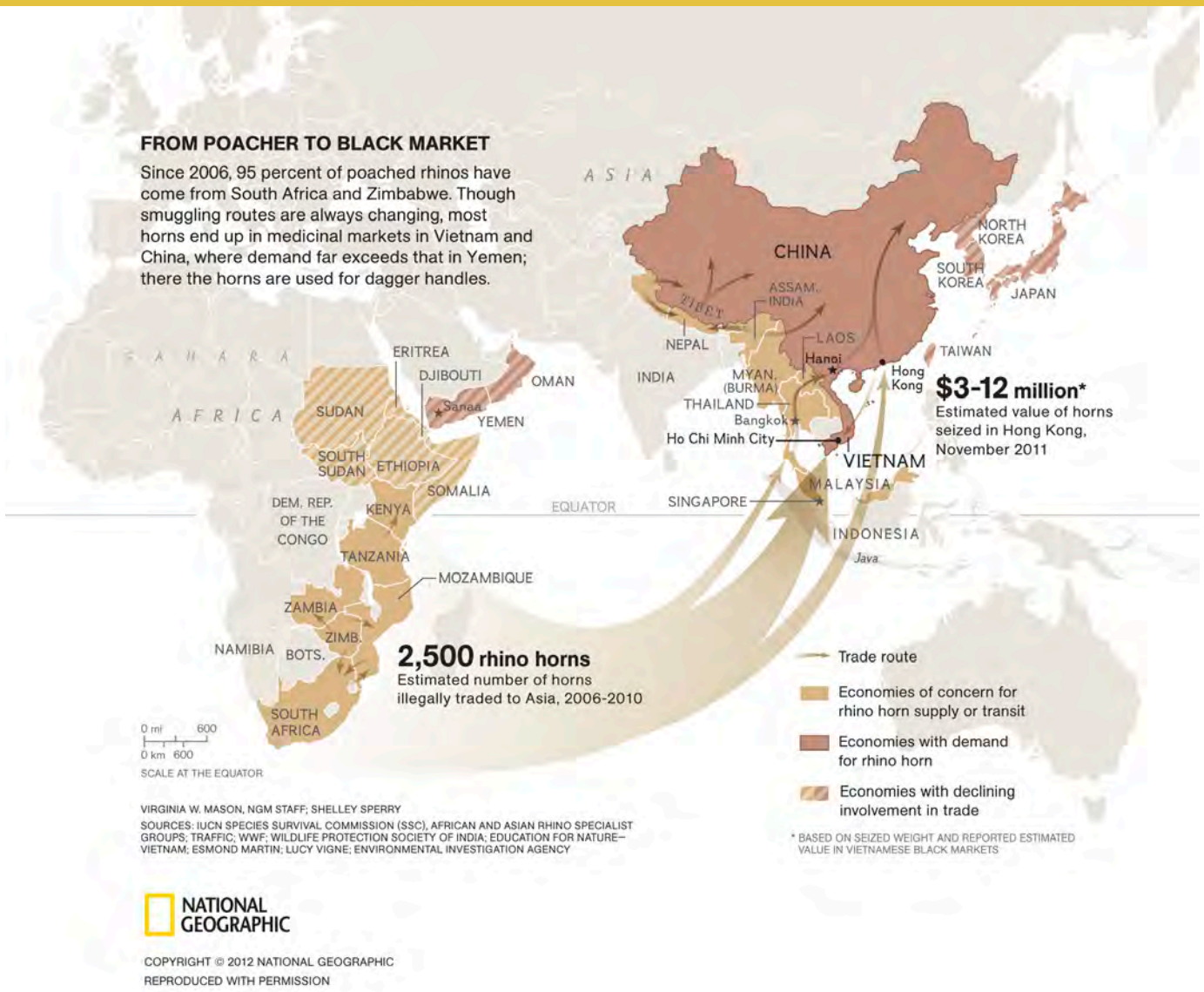
Reação responsável

Apesar do recente aumento do tráfico de vida selvagem, ainda há razões para ter esperança.

Os rinocerontes-brancos-do-sul — antes quase extintos — agora parecem ser a espécie mais abundante de rinoceronte do mundo, graças à incansável dedicação de conservacionistas trabalhando em conjunto para proteger sua população em santuários e reservas na África. Em outubro de 2012, autoridades chinesas reprimiram uma grande quadrilha de tráfico de vida selvagem transnacional, apreendendo mais de mil peças de marfim avaliadas em mais de US$ 3,4 milhões e prendendo vários contrabandistas. Nos Estados Unidos, autoridades governamentais empenharam-se em criar uma parceria global para pôr fim ao comércio ilegal de vida selvagem, a Coalizão contra o Tráfico de Vida Selvagem, criada pelo Departamento de Estado dos EUA em 2005.

Salvar tigres, rinocerontes e elefantes — e muitas outras espécies em perigo de extinção — requer colaboração que ultrapasse limites e fronteiras nacionais. Pessoas físicas e organizações no mundo

A quantidade de marfim apreendida em 2011 totalizou mais de 23 toneladas.



todo estão respondendo a esse chamado urgente à ação para conservar a vida selvagem. Com o aumento da conscientização, o planejamento de soluções e a redução da demanda, pequenos grupos de pessoas estão causando grandes impactos para deter a onda de tráfico de vida selvagem.

"Nós não herdamos a Terra de nossos ancestrais; nós a emprestamos de nossos filhos", ensina um provérbio indígena americano. Dada a condição atual do planeta, devemos fazer tudo em nosso poder para restituí-la às futuras gerações — com juros. Devemos entregar-lhes recursos naturais em abundância, inclusive a variedade total de animais que temos atualmente.■

Jeff Corwin é biólogo e conservacionista americano especialista em vida selvagem e ganhador do prêmio Emmy, mais conhecido por seu trabalho como apresentador e produtor de inúmeros programas sobre a natureza, entre eles, The Jeff Corwin Experience [As Experiências de Jeff Corwin] *e* Corwin's Quest [As Aventuras de Corwin]. *Também é autor de* 100 Heartbeats: The Race do Save Earth's Most Endangered Species [Cem Batidas do Coração: A Corrida para Salvar as Espécies em Maior Perigo de Extinção] *e* Living on the Edge: Amazing Relationships in the Natural World [Vivendo à Beira do Abismo: Relações Surpreendentes no Mundo Natural]. *Atualmente Jeff é produtor e apresentador de* Ocean Mysteries with Jeff Corwin [Mistérios do Oceano com Jeff Corwin] *na rede ABC. Você pode acompanhar seu trabalho de conservação em www.facebook.com/JeffCorwinConnect.*

©Evan Agostini/AP Images

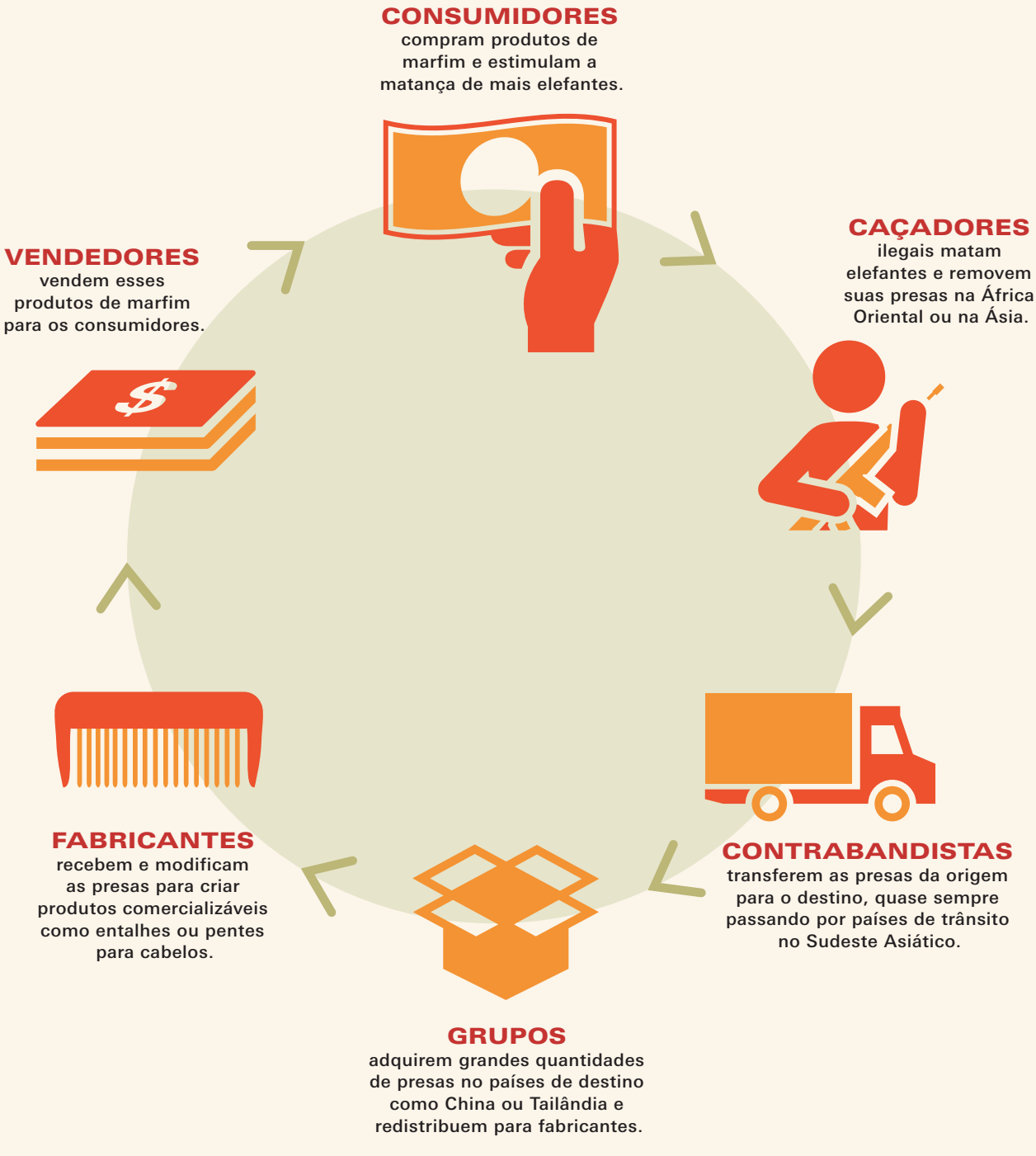
As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

ROMPA O CÍRCULO VICIOSO:

Não deixe que animais morram pelos produtos que você compra

O tráfico de vida selvagem começa e termina com o consumidor

Para entender como o aumento da demanda por produtos de origem animal resulta no aumento do número de mortes, siga o caminho do marfim ilegal desde o campo de matança até o consumidor na violenta cadeia de fornecimento abaixo.



Ícones do The Noun Project: pente (Randall Barriga); dinheiro (Øystein W. Arbo)

©AP Images/Sakchai Lalit, File

INFORME-SE ANTES DE COMPRAR

Embora os elefantes sejam uma das espécies mais caçadas ilegalmente no mundo, não são as únicas vítimas. Em uma indústria que, estima-se, movimenta entre US$ 7,8 bilhões a US$ 10 bilhões por ano, grupos do crime organizado transnacional traficam de borboletas a ursos. A seguir uma relação de espécies caçadas ilegalmente, as partes do corpo visadas e em quais produtos de consumo essas partes são usadas.

	são mortos por	que são vendidos(as) como
elefantes	presas	adornos
		teclas de piano
		pentes
rinocerontes	chifres	remédios da medicina popular
tigres	pele	decoração
	ossos e bigodes	remédios da medicina popular
tubarões	barbatanas	sopa
gorilas	patas	cinzeiros
tartarugas	cascos	joias

Consumidora compra braceletes feitos com marfim caçado ilegalmente

Aprendendo a gostar de lêmures em Madagascar

Ashley Rainey Donahey

Madagascar, a quarta maior ilha do mundo, abriga alguns dos animais mais diferentes e raros do mundo. O mais famoso deles é o lêmure, primata nativo somente de Madagascar que conta com mais de cem espécies e subespécies distintas.

Infelizmente, os lêmures também estão entre os animais mais ameaçados da ilha. Segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza, mais de 90% das espécies de lêmure estão em perigo ou à beira de extinção.

"Os lêmures vão desaparecer em uma geração se nada for feito", disse Brett Bruen, conselheiro para Assuntos de Imprensa, Educação e Cultura da Embaixada dos EUA em Madagascar.

Para evitar a extinção dos lêmures, a Embaixada dos EUA em Antananarivo lançou uma campanha para incentivar o ecoturismo interno em Madagascar e preservar os lêmures e seu hábitat para as futuras gerações.

Cuidando da natureza

"Uma das primeiras coisas que você reconhece ao pisar em Madagascar é o nível estarrecedor de destruição ambiental em andamento", disse Bruen. "É realmente bastante dramático e trágico."

Entre as sérias ameaças aos lêmures e a outros animais da ilha está a perda de hábitat devido à prática agrícola comum chamada de "derrubada e queimada". Nessa prática, os agricultores derrubam e queimam as florestas para limpar a terra e plantar culturas. O efeito nas plantas e nos animais que vivem nessas florestas é devastador.

"Estamos falando de um lugar que abriga 10 mil espécies de plantas, 316 espécies de répteis e 109 espécies de aves, além dos lêmures", explica Jeff Corwin no livro 100 Heartbeats. "Quando você considera que 95% das espécies que vivem em Madagascar não são encontradas em nenhum outro lugar do mundo, isso equivale a desastre ecológico."

Para salvar os lêmures, Bruen e sua equipe da Embaixada dos EUA sabiam que precisariam adotar uma abordagem diferente. Ao invés de

Parque Nacional de Ranomafana ©Hugh Lansdown/Shutterstock.com

EN
em perigo
de extinção

©Hemera/Thinkstock

tentar mudar a maneira como os malgaxes (naturais de Madagascar) tratam o meio ambiente, a embaixada se propôs a tentar mudar a maneira como os malgaxes percebem o meio ambiente.

"Historicamente, a natureza na cultura malgaxe é algo a ser controlado, destruído e temido", explica Bruen. Embora os malgaxes soubessem que os estrangeiros vinham de muito longe para desfrutar de seus parques nacionais, eles próprios nunca cogitavam visitar os parques. "Realmente não havia esforços suficientes para promover esses recursos e essas oportunidades de turismo para os malgaxes. Assim, eles não entendiam o seu valor."

Em 2011, a embaixada lançou uma campanha para promover os parques nacionais de Madagascar como destino de férias para os malgaxes. Baseada no tema "Vivez Une Expérience Naturelle" ou "Viva uma Experiência Natural", a campanha tem como objetivo inspirar mais turistas malgaxes a visitar o Parque Nacional de Ranomafana no sul de Madagascar.

Considerado Patrimônio da Humanidade pela Unesco, o Parque de Ranomafana abriga 12 espécies de lêmure, inclusive o raro lêmure-dourado-de-bambu.

É tarefa de uma aldeia

Alguns dos principais artistas de Madagascar participaram da campanha, entre eles a mundialmente famosa banda de música malgaxe tradicional Tarika Bé, a estrela da música tropical Jerry Marcos, o grupo de rock AmbondronA e até a Miss Madagascar.

Página ao lado, da esquerda para a direita: lêmure-de-colar (©tolmachevr/Shutterstock.com), lêmures-de-cauda-anelada, lêmure-vermelho e lêmures-de-barriga-vermelha (©Eric Gevaert/Shutterstock.com). Acima: lêmure-de-bambu mastiga bambu. Mais de cem espécies de lêmure vivem em Madagascar.

Desire Randrianirisata

Instalações modernas do Namanabe Hall em Madagascar

A embaixada convidou os artistas para ir ao Parque de Ranomafana e passar um tempo no recém-construído Namanabe Hall, instalação moderna financiada em parte pela embaixada e que combina ciência e arte com laboratórios de alta tecnologia e acomodações para artistas residentes. Inspirados pelo meio ambiente, os artistas criaram vídeos de música e apresentaram shows ao vivo incentivando os malgaxes a visitar o parque. A embaixada também recrutou um grande número de organizações do setor privado para apoiar a campanha. A Ogilvy PR criou anúncios gratuitamente, a Air Madagascar está considerando oferecer voos para a região, a Câmara Americana de Comércio ajudou a financiar atividades promocionais e a Airtel bancou a produção de um vídeo musical.

"Não apenas a biodiversidade de Madagascar é algo para se orgulhar, mas é algo legal."

"Nossa maior vitória nessa campanha é que o povo malgaxe está começando a falar sobre o assunto", explica Beranto do AmbondronA. "Antes, os destinos turísticos eram principalmente as praias. Hoje, o termo 'ecoturismo' está gradativamente entrando para o idioma. Quanto mais as pessoas se interessam pela biodiversidade, mais começamos a perceber como nosso país é rico em seu meio ambiente."

"Acredito que tem havido muitas oportunidades para mostrar ao setor privado como essa realidade é um mercado a ser explorado", afirmou Bruen. "Quando abordamos pela primeira vez as agências de viagem, elas riram de nós. Disseram: 'Não existe mercado interno! Desistam! Esqueçam!' E, no entanto, agora dizem que os telefones não param de tocar para reservar viagens ao parque."

Sucesso extraordinário

Patricia Wright, uma das mais importantes especialistas mundiais em lêmures, testemunhou in loco os efeitos da campanha da embaixada.

Na década de 1980, Patricia liderou um projeto de conservação e desenvolvimento que resultou na fundação em 1991 do Parque de Ranomafana, onde passou as últimas três décadas de sua carreira estudando os lêmures na selva. Ela se emociona ao ver o sucesso alcançado pelo projeto.

Patricia informa que o número de turistas do parque provenientes de Madagascar aumentou em mais de 50% desde 2011. Não apenas os malgaxes estão indo mais ao parque, mas também cada vez mais estão mostrando interesse em protegê-lo. O parque registrou um aumento acentuado no número de turistas malgaxes que perguntam sobre conservação, como participar e onde ser voluntário.

"Muitas dessas pessoas são jovens que terão grande influência no futuro", disse Patricia. "Muitos deles estão apenas aprendendo que não apenas a biodiversidade de Madagascar é algo para se orgulhar, mas é algo legal. Isso é o que faz de Madagascar uma terra tão fantástica."

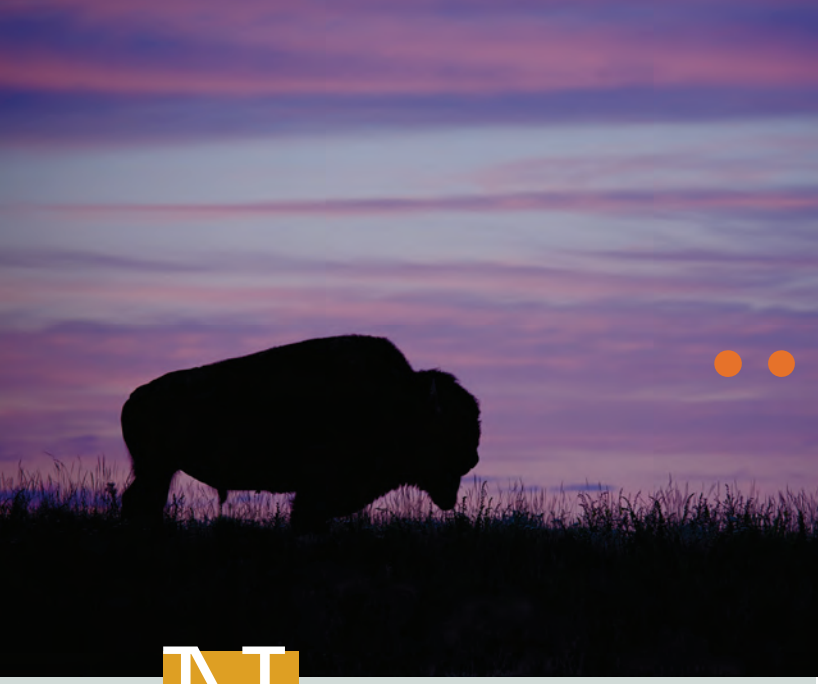
Segundo Patricia, antes da campanha da Embaixada dos EUA, não havia sido realizado em Madagascar um programa de conservação que envolvesse tantas pessoas e fosse tão abrangente.

"Aconteceu exatamente o que eu imaginei — mas não achei que alguém faria isso — e a embaixada americana fez e fez de maneira extraordinária e eficaz", disse Patricia. "Brett e a equipe da Embaixada dos EUA fizeram um trabalho maravilhoso que realmente transformou a percepção dos malgaxes em relação ao seu próprio país e à biodiversidade do país." ■

Ashley Rainey Donahey é editora-gerente de eJournal USA no Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA.

Visite o site da Embaixada dos EUA em Antananarivo!

http://www.antananarivo.usembassy.gov



Bisão-americano © Tom Reichner/Shutterstock.com

SOCIEDADE PARA A CONSERVAÇÃO DA VIDA SELVAGEM

Mary-Katherine Ream

salvando espécies e espaços icônicos

No final do século 19, o bisão-americano — símbolo eterno do Oeste dos EUA — enfrentou a extinção. Antes contando com dezenas de milhões de espécimes, o bisão-americano foi quase dizimado pela caça comercial durante o período da expansão americana para o Oeste.

Hoje, os Estados Unidos orgulham-se de ter uma população de bisões de mais de 500 mil espécimes. Essa recuperação excepcional deve-se em grande parte à Sociedade para a Conservação da Vida Selvagem (WCS).

Fundada como Sociedade Zoológica de Nova York em 1895, a WCS trabalhou com outro grupo conservacionista, a Sociedade do Bisão-Americano, para levar alguns dos poucos bisões remanescentes do país para o Zoológico do Bronx em Nova York. Depois de reproduzir o bisão no zoológico, a WCS trabalhou com o governo americano para soltar os animais de volta na vida selvagem, onde puderam povoar novamente as Grandes Planícies americanas.

A quase perda desse emblema do Oeste dos EUA há mais de um século ainda determina a missão da WCS nos dias de hoje: salvar a vida selvagem icônica e as áreas selvagens do mundo.

"Os Estados Unidos já estiveram lá antes", disse John Calvelli, vice-presidente executivo de Relações Públicas da WCS. "Tivemos de lidar com a degradação da nossa paisagem e com a perda de nossas espécies icônicas."

Há mais de cem anos a WCS lidera esforços para preservar animais e meio ambientes importantes e significativos do ponto de vista biológico e cultural, fazendo uso da força extraordinária de seus parques e trabalho de campo.

Animais embaixadores

Embora tenha começado como sociedade zoológica, a WCS floresceu como a rede de conservação mais abrangente do mundo, com 4 zoológicos, 1 aquário e 500 projetos de conservação em mais de 60 países.

Seus zoológicos e aquários servem de centros de pesquisa, instalações para reprodução e polos educativos, onde são oferecidos desde acampamentos de verão para aspirantes a zoólogo a jogos on-line para conservacionistas esperançosos. Eles também servem de inspiração.

"Vemos nossos animais como embaixadores do mundo selvagem", disse Calvelli. "Eles contam uma história para que as pessoas que não tenham oportunidade de ir à África ou à Ásia possam entender por que esses animais são tão importantes."

Enquanto os zoológicos e aquários ajudam a WCS a instruir o público sobre conservação, seus projetos de campo são voltados para a prática.

Em campo, a WCS concentra-se em quatro estratégias de conservação: engajar comunidades locais para garantir que possam alcançar uma subsistência sustentável; trabalhar com indústrias extrativistas para reduzir seu impacto ambiental; pesquisar e monitorar doenças zoonóticas (doenças que se disseminam dos animais para os seres humanos) para assegurar a saúde dos animais e dos seres humanos; e mitigar os efeitos da mudança climática nos hábitats e nos ciclos naturais.

Ao procurar por possíveis projetos de conservação, a WCS mantém-se firme às suas raízes.

"Tentamos identificar espécies que sejam icônicas, que sejam importantes para as comunidades locais, que desempenhem um papel importante na paisagem e que tenhamos chance de salvar", disse Calvelli.

Depois de determinar que a organização pode ter um papel, a WCS procura fontes de financiamento e parcerias locais.

"Entendemos que não teremos êxito se não estivermos engajados com as comunidades locais,

Afghanistan Matters/Flickr

Deserto, neve e água cristalina encontram-se no Parque Nacional Band-e-Amir, no Afeganistão

tornando-as parceiras do nosso trabalho de conservação", disse Calvelli.

Preservando o Afeganistão

Um país onde a WCS foi bem-sucedida ao envolver as comunidades locais na conservação é o Afeganistão.

A WCS e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) trabalharam desde 2006 com membros da comunidade local para criar o primeiro parque nacional do país, o Band-e-Amir.

Reconhecido por suas impressionantes águas azuis, o Band-e-Amir, na região central do Afeganistão, é um dos poucos sistemas de lagos do mundo criado por represas naturais de travertino. Mas recentemente conflitos e instabilidade regional ameaçaram a beleza prístina e a vida selvagem do parque.

Para criar melhores vínculos entre o governo nacional e as comunidades locais, a WCS colaborou com 14 vilarejos no parque proposto para criar o Comitê da Área Protegida de Band-e-Amir (Bapac) em 2007.

Juntos, a WCS e o Bapac elaboraram um plano de administração do parque e uma proposta de status de parque nacional, que apresentaram para consideração do Ministério da Agricultura, Irrigação e Pecuária.

No Dia da Terra de 2009, o Afeganistão declarou os lagos azuis-cobalto e as represas naturais de travertino do Band-e-Amir o primeiro parque nacional do país.

A WCS continua a ajudar os afegãos a proteger, preservar e explorar sua herança natural. Atualmente, a organização está capacitando guardas-florestais para proteger a vida selvagem do parque, ensinando autoridades das províncias a administrar o parque e ajudando autoridades nacionais a elaborar leis para a administração responsável dos recursos naturais.

Gabão

Outra área onde a WCS envolveu a população local com sucesso na conservação é a Bacia do Congo, no Gabão.

A floresta tropical da Bacia do Congo é a segunda maior floresta tropical do mundo e abriga elefantes-da-floresta, gorilas-das-terras-baixas e mais de 400 outras espécies de mamíferos. Conhecida por sua escassa população humana, a área de floresta tropical do Gabão é um dos poucos lugares do mundo onde é possível ver um elefante nadar nas ondas do oceano.

Em 1999, o cientista da WCS Michael Fay caminhou mais de 3.200 quilômetros em 456 dias para catalogar os tesouros ambientais da Bacia do Congo. Traçando um caminho das florestas tropicais da República do Congo à costa atlântica do Gabão, Fay chamou a atenção tanto da mídia quanto do então presidente do Gabão, Omar Bongo.

"Tudo isso fez com que o país tomasse posse de seu patrimônio natural", disse Calvelli.

Ao entender o significado dos recursos naturais únicos e abundantes do país, o Gabão criou um sistema de 13 parques nacionais em 2002. O sistema representa cerca de 10% da área total do país.

Hoje, a WCS mantém parcerias com 7 dos 13 parques.

Faça a sua parte

Desde a proteção da maior reserva de floresta alagada da Amazônia até a criação da maior área protegida de Fiji destinada aos direitos indígenas à terra, a WCS desempenhou um papel em alguns dos maiores sucessos de conservação do mundo.

"Esse é um campo de oportunidades significativas, e queremos envolver mais pessoas", disse Calvelli. "Queremos que as pessoas entendam que também podem desempenhar um papel em suas comunidades locais."

Palavras-chave: Sociedade para a Conservação da Vida Selvagem, WCS, bisão, Afeganistão, Gabão, parque nacional ■

Mary-Katherine Ream é da equipe de redação do Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado.

Saiba mais no site da WCS!

www.wcs.org

©Villiers Steyn/Shutterstock.com

FUNDO MUNDIAL PARA A NATUREZA:

desenvolvendo comunidades, incentivando a conservação

Mary-Katherine Ream

"Eu diria que é 70% terror e 30% emoção.O terror vem da percepção de que somos criaturas pequenas, insignificantes, indefesas, mas há também essa emoção, essa alegria genuína."

Essas palavras são de Matt Lewis, funcionário sênior responsável por programas do Fundo Mundial para a Natureza (WWF), descrevendo a experiência única e estimulante de se deparar com um elefante-africano — o maior animal terrestre do mundo — na selva.

Poucas pessoas têm a oportunidade de estar frente a frente com um elefante-africano no mundo selvagem e — com a ameaça cada vez maior de sua extinção — existe a possibilidade de que ninguém venha a se deparar com um desses mamíferos magníficos em seu hábitat natural daqui a algumas décadas.

Os elefantes-africanos enfrentam inúmeros desafios de sobrevivência, mas o tráfico de vida selvagem é o mais urgente. Todos os dias, elefantes são mortos por suas presas de marfim, que são depois comercializadas ilegalmente e usadas para fabricar itens como teclas de piano, adornos e pentes de cabelo.

Caçadores ilegais matam elefantes em busca de marfim há séculos, mas a situação está se deteriorando rapidamente. No ano passado, autoridades apreenderam a maior quantidade de marfim ilegal desde que começaram a manter registro das apreensões em 1989.

"O interesse no tráfico de vida selvagem é o interesse próprio. É fazer dinheiro rapidamente explorando — nesse caso — elefantes", disse Lewis.

E há muito dinheiro para ser feito. A Global Financial Integrity, organização sem fins lucrativos que denuncia crimes transnacionais, estima o valor mundial anual do tráfico ilegal de vida selvagem entre US$ 7,8 bilhões e US$ 10 bilhões. O WWF está trabalhando para deter esse comércio ilegal atacando todos os estágios do círculo vicioso.

Elefantes africanos bebem água.

"O tráfico das presas de elefante é uma cadeia", afirmou Lewis. "Precisamos deter os caçadores ilegais, ir atrás do intermediário e pôr fim à cadeia que vai até o usuário final."

O WWF também defende um esforço internacional sustentado com leis rigorosas, penalidades severas e apreensões que tenham grande visibilidade.

Estímulo à coexistência

Além de romper a cadeia do tráfico de vida selvagem, o WWF trabalha para diminuir os prejuízos aos hábitats e mitigar o conflito entre homens e elefantes.

"Os elefantes e os seres humanos não são bons vizinhos", disse Lewis. Os elefantes-africanos são conhecidos por atacarem plantações de agricultores ou matarem o gado de pecuaristas perto de pontos d'água. Em represália, agricultores e pecuaristas atacados às vezes matam elefantes próximos de suas propriedades.

Para minimizar esse conflito, o WWF fornece incentivos para que as pessoas coexistam com seus vizinhos elefantes por meio de programas como o projeto Como Viver em um Meio Ambiente Finito (Life) na Namíbia.

Iniciado em 1993 como uma parceria entre o WWF e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), o projeto Life transfere direitos públicos sobre terra e animais do governo nacional para as pessoas das comunidades. Mas nem toda essa terra recém-adquirida está sendo usada para a agricultura.

Uma maneira que muitas comunidades estão se beneficiando da terra é fornecendo entretenimento para viajantes estrangeiros com seu meio ambiente natural único, setor conhecido como ecoturismo. Essa mudança ajuda as comunidades locais a entender o benefício econômico de seus recursos naturais e as incentiva a administrarem a vida selvagem local.

"O guia atrai mais turistas com mais elefantes, mais turistas fornecem mais dinheiro para a comunidade, e,

por sua vez, a comunidade vê o benefício de ter mais elefantes ao redor", declarou Lewis. Os esforços da USAID na Namíbia são "a iniciativa comunitária mais bem-sucedida do mundo", segundo Lewis.

Construindo um futuro para os elefantes

A capacitação nas comunidades é um pilar dos esforços conservacionistas do WWF. Além de seus programas de conservação comunitários, o WWF capacita uma geração futura de conservacionistas.

"Acredito que a coisa mais importante que podemos fazer para a conservação em todo o mundo é investir na capacitação de homens e mulheres para administrarem seus próprios recursos naturais", disse o falecido Russell E. Train, fundador do WWF.

O WWF capacita localmente por meio do programa Educação para a Natureza. Lançado em 1994, o programa de bolsas de estudo de conservação investiu mais de US$ 12,5 milhões para apoiar líderes conservacionistas que, em troca, capacitam suas comunidades locais.

Mas não é preciso dividir o espaço com os elefantes para participar do esforço global de conservação. O WWF incentiva as pessoas a acabar com o comércio que mata elefantes: reduzindo a demanda por produtos fabricados com marfim traficado ao, em primeiro lugar, deixar de comprar esses produtos.

Implorando aos jovens para que ajam, Lewis pergunta: "Vocês querem ser a geração que verá a extinção desse animal?" ■

Mary-Katherine Ream é da equipe de redação do Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado.

Elefante-africano da savana ©Martin Harvey/WWF-Canon

Saiba mais no site do WWF!

www.wwf.org

DESTAQUE

WildAid

Heather Regen

convencer primeiro os consumidores

Em vídeo recente divulgado pela organização sem fins lucrativos WildAid, o ator e lutador de artes marciais chinês Vincent Zhao se movimenta sob holofotes em uma arena, combatendo agressores com pontapés e golpes rápidos. Zhao termina sua prática virando-se para um elefante e um tigre e perguntando: "E agora, vocês estão prontos?" O narrador explica que, embora não possamos ensinar autodefesa aos animais em perigo de extinção, nós mesmos podemos defendê-los — nunca comprando produtos ilegais provenientes de animais selvagens.

Enquanto outras organizações conservacionistas têm como foco a restauração de hábitats e a proteção da vida selvagem, a WildAid se concentra no comércio ilegal da vida selvagem. Ao dirigir sua mensagem aos consumidores por meio de campanhas diferenciadas de conscientização pública, a WildLife pretende diminuir a demanda por produtos feitos com espécies em perigo de extinção — e acabar com a atividade dos caçadores ilegais. Sua mensagem é simples, mas forte: "Quando acabar a compra, a matança também pode acabar."

©Sayyid Azim/AP Images

O ex-astro do basquete Yao Ming, no centro, com o diretor da Sociedade de Vida Selvagem do Quênia, Julius Kipn'getich, à direita, observa um guepardo.

Conservação por meio da comunicação

A WildAid calcula atingir quase 1 bilhão de pessoas semanalmente em mais de 80 países, por meio de anúncios com cachês doados, como o vídeo de Zhao.

"Começou com uma noção simples. Para acabar com a caça ilegal, devemos tratar da demanda e chegar às pessoas que compram os produtos", explica o diretor executivo da WildAid, Peter Knights. "Animais estão sendo caçados e mortos para que alguns possam ter lucro com a venda de produtos feitos com partes de seus corpos, geralmente para consumidores que não têm ideia do impacto de suas ações."

A WildAid espera que, conscientizando os consumidores sobre as consequências de longo alcance da compra de produtos derivados de animais — bem como sobre o enorme poder dos consumidores de pôr fim a essas perversidades — venha também a inspirar maior vontade política para acabar com o tráfico de vida selvagem. A organização segue o credo do ex-presidente dos EUA Abraham Lincoln de que "com sentimento popular, nada pode dar errado. Sem ele, nada pode dar certo."

Para aumentar a conscientização pública e ampliar sua mensagem, a WildAid recrutou mais de cem celebridades como embaixadores para atuar em suas campanhas. A lista da WildAid inclui nomes de celebridades como os atores americanos Harrison Ford e Kate Hudson, o superastro do basquete chinês Yao Ming, a modelo e atriz indiana Sushmita Sen e o fenômeno indiano do críquete Sachin Tendulkar.

"Alguém compraria marfim se houvesse testemunhado isso?"

A lista de talentos da WildAid não se limita apenas a atletas famosos e astros de cinema. Grandes produtores e anunciantes da mídia também doam seu conhecimento especializado e know-how profissional, o que permite que a WildAid produza campanhas de mídia modernas por uma fração do custo pago por empresas comerciais.

WWF-Canon/Folke Wulf

Em defesa dos elefantes

Embora o embaixador da WildAid Yao Ming tenha 2,29 metros de altura, a maioria dos elefantes africanos ainda supera sua altura em 4 metros. Contudo, quando o astro do basquete viajou para o Quênia este ano, ele conheceu uma família de elefantes cuja altura mal alcançava os seus joelhos.

Kingango, o filhote mais novo do grupo, tinha apenas duas semanas. Ele foi entregue ao Orfanato de Elefantes Daphne Sheldrick porque sua mãe havia sido morta por caçadores.

Yao visitou o orfanato de elefantes como parte de sua viagem com a WildAid para documentar a crise de matança de elefantes. No Parque Nacional de Nairóbi, ele testemunhou in loco a tragédia da matança, ajudando os mantenedores do Orfanato Daphne Sheldrick a alimentar e brincar com os filhotes de elefantes que não tinham mais a mãe para criá-los.

Fora do parque, Yao viu as carcaças dos elefantes que haviam sido mortos em função de seu marfim. Horrorizado por essa visão, o jogador de basquete assumiu a missão de aumentar a conscientização sobre a origem dos animais selvagens. Conversando com sua equipe da WildAid, ele perguntou: "Alguém compraria marfim se houvesse testemunhado isso?"

Embora a WildAid trabalhe incansavelmente para refrear a caça ilegal, ela reconhece que, em última instância, cabe aos consumidores individualmente fazer a diferença. "A coisa mais eficaz que você pode fazer para combater esse tipo de situação é conscientizar as pessoas", explica Yao. "É isso que eu quero fazer." ■

Heather Regen é da equipe de redação do Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA.

Para mais informações, acesse o site da WildAid!

www.wildaid.org

©Stringer/AP Images

À esquerda: Yao Ming observa um elefante abatido por caçadores no norte do Quênia. Acima: Pilha de presas de elefante confiscadas no Parque Nacional Kruger, na África do Sul

A criação do Parque Nacional de Yellowstone em 1872 deu início a um grande movimento e a uma tradição de conservação nos EUA. O búfalo-americano, ou bisão, quase dizimado no século 19, encontrou um lar em Yellowstone. Desde então, o sistema de parques nacionais dos EUA foi ampliado para incluir de tudo, de recifes de coral e picos alpinos a planícies de sal e florestas tropicais. Hoje, o Serviço Nacional de Parques dos EUA mantém 398 parques nacionais — e sua vida selvagem — de modo que todos os visitantes possam desfrutar o rico patrimônio natural dos Estados Unidos.

©375Ultramag/Shutterstock.com

1. No coração do Alasca, o **Parque Nacional e Reserva de Denali** protege mais de 2,4 milhões de hectares de natureza selvagem. Abrangendo de florestas boreais a tundras alpinas e elevados picos de montanha, a paisagem do parque é um espetáculo, mas a vida selvagem é a principal atração. Criado para proteger mamíferos, o Denali abriga 1 espécie de anfíbio, 14 espécies de peixes, 169 de aves e 39 de mamíferos. Muitos visitantes planejam viagens apenas para ver os "cinco grandes" animais do Denali: alce, caribu, carneiro-de-dall, lobo e urso-cinzento.

2. Localizado no extremo sul da Flórida, o P**arque Nacional de Everglades** é formado por mais de 607 mil hectares de fantásticas paisagens, flora e fauna. Considerado Patrimônio da Humanidade pela Unesco e Reserva Internacional da Biosfera, o Everglades representa a maior área subtropical de vida selvagem nos Estados Unidos. Seus pântanos diáfanos e suas florestas mágicas abrigam 17 espécies de anfíbios, 50 de répteis, 300 de peixes, 350 de aves e 40 de mamíferos — inclusive 15 espécies ameaçadas e em perigo de extinção em âmbito nacional como tartarugas-do-mar, o peixe-boi-das-índias-ocidentais e crocodilos-americanos.

3. Localizado na costa do Maine, o **Parque Nacional de Acadia** é formado por uma área que inclui de oceanos e montanhas a lagos e florestas. Primeiro parque nacional a leste do Rio Mississippi, o Acadia também ostenta a Montanha Cadillac, a montanha mais alta da costa atlântica dos EUA. Essa paisagem diversificada abriga uma grande variedade de vida selvagem, incluindo 11 espécies de anfíbios, 338 de aves, 28 de peixes e 40 de mamíferos. Antes em vias de extinção, o falcão-peregrino hoje floresce aqui depois de sua reintrodução pela equipe do parque em 1984..

7 parques espetaculares

©Doug Lemke/Shutterstock.com

Alce ©Steve Bower/Shutterstock.com

PARQUES NACIONAIS DOS EUA

1. DENALI

3. ACADIA

2. EVERGLADES

©Floridastock/Shutterstock.com

> Os parques nacionais são a melhor ideia que já tivemos. Totalmente americanos, totalmente democráticos, eles refletem o nosso melhor e não o nosso pior.
>
> Wallace Stegner, escritor ganhador do Prêmio Pulitzer

4. Situado no sudoeste de Dakota do Sul, o **Parque Nacional de Badlands** tem 98.743 hectares de montanhas rochosas que sofreram erosão e pradarias de relva mesclada. O parque também tem um dos leitos fósseis mais ricos do mundo, incluindo vestígios de animais antigos como o tigre-dentes-de-sabre. Hoje, o Badlands abriga um elenco diferente de personagens: 6 espécies de anfíbios, 9 de répteis, 206 de aves, 69 de borboletas e 39 de mamíferos vivem aqui. O bisão-americano — a espécie mais querida do parque — inspirou os esforços de conservação do presidente Theodore Roosevelt.

5. Encravado no canto sudoeste de Utah, o **Parque Nacional de Zion** apresenta cânions de arenito, penhascos em tecnicolor e o Rio Virgin. Ponto de convergência do Platô do Colorado, da Grande Bacia e do Deserto de Mojave, o parque fornece uma exuberância de meios ambientes. Seus 60 mil hectares de área abrigam 7 espécies de anfíbios, 29 de répteis, 9 de peixes, 207 de aves e 67 de mamíferos, inclusive o condor-californiano em perigo de extinção, a coruja-pintada-mexicana ameaçada de extinção e o esquivo bassarisco.

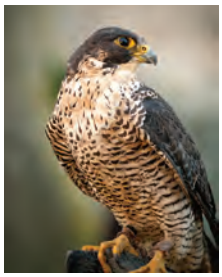
6. Situado ao longo da costa do Pacífico do estado de Washington, o **Parque Nacional Olímpico** descreve-se como "três parques em um". Isso porque os visitantes podem apreciar em um único dia montanhas com picos nevados, florestas tropicais temperadas e piscinas oceânicas. Seus 373 mil hectares de diversos tipos de terra propiciam uma gama impressionante de vida selvagem, incluindo 37 espécies de peixes, 300 de aves, 64 de mamíferos terrestres e 29 de mamíferos marinhos. Baleias, golfinhos e leões-marinhos alimentam-se no mar, enquanto ursos-negros e cervos-americanos comem em terra firme.

7. Estendendo-se ao longo da fronteira entre o Tennessee e a Carolina do Norte, o P**arque Nacional das Grandes Montanhas Fumegantes** conta com algumas das montanhas mais antigas do mundo. Únicas por sua orientação nordeste-sudeste, essas montanhas abrangem diversas altitudes que sustentam uma variedade de plantas e animais. Mais de 17 mil espécies foram documentadas — no entanto, cientistas suspeitam que mais de 80 mil possam habitar o parque. As montanhas cobertas de árvores abrigam 43 espécies de anfíbios, 39 de répteis, 50 de peixes, 200 de aves e 66 de mamíferos, inclusive o famoso urso-negro.

©Don Fink/Shutterstock.com

©Rudy Balasko/Shutterstock.com

5. ZION



Falcão-peregrino ©Petr Jilek/Shutterstock.com

4. BADLANDS

6. OLÍMPICO

©2009fotofriends/Shutterstock.com

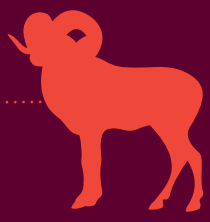
7. MONTANHAS FUMEGANTES

©Dave Allen Photography/Shutterstock.com

ANIMAIS DOS ESTADOS AMERICANOS

Espécies simbólicas

O Texas reivindica o gado Longhorn, Wisconsin tem o texugo e Massachusetts orgulha-se do terrier de Boston. Todos eles são símbolos estaduais: animais que celebram a cultura única e o patrimônio natural de cada estado. Conheça os animais de alguns outros estados e sua importância:

animal	importância	história de conservação
urso-cinzento	**Eleito democraticamente.** O urso-cinzento foi eleito o animal do estado de Montana com 34.436 votos de estudantes em 1983 como parte de um programa para ensinar as crianças de Montana como funciona a democracia. (O alce ficou em segundo com 18.354 votos.) O urso-cinzento foi escolhido para representar o "espetáculo grandioso" de tamanho, força e beleza encontrado em Montana.	Desde 1999, a Fundação de Peixes, Vida Selvagem e Parques de Montana arrecadou mais de US$ 1 milhão destinados ao Projeto para Aumentar a População de Ursos-Cinzentos do Ecossistema Cabinet-Yaak. O projeto concentra-se na pesquisa e criação de ursos-cinzentos na selva para aumentar sua população na região.
foca-monge	**Exclusivamente havaiana.** As focas-monge são nativas do Havaí e encontradas somente nesse estado americano.	Com uma pequena população e baixo índice de sobrevivência dos filhotes, a foca-monge havaiana é um dos mamíferos marinhos em maior perigo de extinção do mundo. A Administração Nacional Oceânica e Atmosférica, junto com várias outras agências e organizações parceiras, está conseguindo aumentar o índice de sobrevivência dos filhotes por meio de um programa de cuidados em cativeiro e soltura.
bisão-americano	**Icônico.** O bisão é um símbolo vivo do Oeste americano.	Graças a organizações como a Sociedade para a Conservação da Vida Selvagem e a Sociedade do Bisão-Americano, esse animal passou da quase extinção para uma população de mais de 500 mil espécimes. O Parque Nacional de Yellowstone, em Wyoming, o único lugar em que o bisão habita de maneira permanente desde os tempos pré-históricos, abriga um rebanho de mais de 3 mil bisões.
 carneiro-selvagem-do-deserto	**Representativo.** Adaptado a desertos montanhosos e climas secos, o carneiro-selvagem-do-deserto encarna o espírito vigoroso de Nevada.	O presidente Franklin D. Roosevelt criou dois refúgios de vida selvagem em 1939 e um terceiro em 1941 para preservar o carneiro-selvagem-do-deserto. A inclusão do Serra Nevada, uma subespécie de carneiro-selvagem, na lista de espécies em perigo de extinção do governo dos EUA, também ajudou a impulsionar os esforços de conservação.
pantera	**Espécie "guarda-chuva".** Proteger as panteras significa proteger outras plantas e animais que vivem ao seu redor.	Criada em 1974, a Reserva Nacional de Ciprestes Gigantes foi a primeira reserva nacional dos Estados Unidos. A Reserva dos Ciprestes Gigantes protege, junto com a Reserva Estadual de Fakahatchee Strand e o Refúgio Nacional de Panteras da Flórida, mais de 271.139 hectares de terra destinadas às panteras em perigo de extinção da Flórida.

Todas as ilustrações ©Shutterstock.com: Mapa dos EUA (Donald Sawvel); bisão-americano (Nebojsa S); foca-monge (Vule); pantera (oorka); urso-cinzento (Sushko Anastasia); carneiro-selvagem-do-deserto (abrakadabra)

RARE

Ashley Rainey Donahey

marketing social para o bem social

Lang Jianmin estava preocupado com o fato de a caça ilegal de animais selvagens no nordeste da China estar ameaçando um dos tesouros mais preciosos da região: o tigre-siberiano. Como a demanda por pratos com carne de veado e javali selvagem aumentou em restaurantes locais, os fazendeiros começaram a instalar armadilhas ilegais para apanhar as presas do tigre visando aumentar sua renda.

O problema, como percebeu Jianmin, não era apenas o fato de os fazendeiros estarem matando presas necessárias para a sobrevivência do tigre-siberiano, mas que não entendessem quão raro e especial era o tigre nativo de seu país. (O tigre-siberiano, o maior felino do mundo, é encontrado apenas em áreas específicas da Rússia, da China e da Coreia do Norte, e somente umas poucas centenas deles são encontrados na vida selvagem.)

Jianmin, funcionário da Reserva Natural do Tigre-Siberiano de Hunchun, na China, percebeu que, para proteger o tigre, ele precisava fazer mais do que simplesmente exigir que os fazendeiros parassem de caçar a presa do tigre. Para mudar suas atitudes, seria preciso primeiro mudar seus corações e suas mentes.

Rare para o resgate

Quando Jianmin decidiu agir, a Rare estava lá para ajudar.

Fundada em 1973, a Rare é uma organização conservacionista com uma abordagem original. O trabalho da Rare está baseado na ideia de que conservação, no fundo, tem a ver com pessoas: suas atitudes em relação à natureza, suas crenças em seu valor e sua capacidade e disposição de protegê-la sem sacrificar sua qualidade de vida.

"Nosso interesse é mudar o comportamento individual e comunitário sobre questões ambientais", disse Paul Butler, vice-presidente sênior de Programas Globais. "Acredito que temos de mudar as pessoas individualmente — uma pessoa por vez, uma comunidade por vez, um país por vez — para obter impacto duradouro e sustentável."

Para atingir esse impacto, a Rare defende o uso de táticas de marketing do setor privado para o bem social — "marketing social" — com o objetivo de incentivar a mudança social. Por meio de programas implementados localmente, a Rare trabalha para promover a conservação, mudando a atitude e o comportamento das pessoas em relação a seus próprios recursos naturais.

Lang Jianmin, à esquerda, ensina voluntário local como patrulhar em busca de armadilhas ilegais para tigres .

Em vez de ela própria implementar esses programas, a Rare capacita membros qualificados da equipe de organizações parceiras locais durante dois anos — tanto no campo quanto na sala de aula. Eles, então, planejam, executam e avaliam suas próprias campanhas. Com a ajuda da Rare, os organizadores locais identificam barreiras ao comportamento favorável à conservação, planejam estratégias de marketing que ajudarão a combater comportamentos prejudiciais e oferecem alternativas e incentivos viáveis e locais para agir de forma mais sustentável.

Na iniciativa de Jianmin dedicada ao tigre-siberiano, isso significou lançar uma campanha de marketing para desencorajar membros da comunidade de pedir carne de animais selvagens em restaurantes, bem como trabalhar com restaurantes locais para que parassem de servi-la. Em parceira com a Sociedade para a Conservação da Vida Selvagem, Jianmin também trabalhou com fazendeiros locais para criar equipes de patrulha que removessem armadilhas ilegais e procurassem eliminar outros tipos de armadilhas acidentais para os tigres. Em troca, o programa de Jianmin ofereceu apiários gratuitos para pecuaristas que concordaram em trabalhar em equipes de patrulha.

Incentivados pelo orgulho

Para promover mudanças significativas e duradouras, a Rare criou o que chamou de "campanha do orgulho". Incentivando as pessoas a ter orgulho de seus recursos locais e assumi-los como seus — seja uma

determinada espécie, um corpo d'água ou um terreno — campanhas de incentivo ao orgulho destinam-se a introduzir práticas mais sustentáveis na comunidade. A ideia é apelar tanto para o lado racional quanto para o emocional das pessoas. "Faz sentido pelo lado racional proteger seus recursos para mantê-los para o futuro e faz sentido pelo lado emocional ter orgulho desses recursos, já que são símbolos de sua comunidade ou país ou região", disse Butler.

Até hoje a Rare treinou mais de 200 líderes conservacionistas locais em mais de 50 países, e suas campanhas atingiram aproximadamente 10 milhões de pessoas vivendo em algumas das áreas mais diversas do mundo do ponto de vista biológico, entre eles a Mata Atlântica do Brasil, a costa Andavadoaka de Madagascar e os parques nacionais da Indonésia. Suas realizações incluem a criação de novas áreas de proteção, a redução dos incêndios florestais e da sobrepesca, o aumento de práticas agrícolas sustentáveis, o lançamento de programas comunitários de reciclagem e de grupos ambientais e a ajuda a muitas espécies à beira da extinção.

Resultados da Rare

A campanha de Jianmin para proteger os tigres-siberianos no nordeste da China produziu resultados encorajadores. Em cerca de um ano, a porcentagem de moradores de vilarejos dispostos a participar de equipes de patrulha subiu de 49% para 81%, a porcentagem dos que comiam carne de animal selvagem caiu de 56% para 18% e o número médio de incidentes de caça ilegal caiu de 23 mensais para apenas 6.

Com a energia de Jianmin e a experiência da Rare, a venda e o consumo da carne das presas do tigre-siberiano de fato se tornaram socialmente inaceitáveis. Os tigres-siberianos não apenas tiveram mais para comer e, portanto, maior chance de sobrevivência, mas se transformaram em símbolo de orgulho para uma comunidade que agora se organiza para protegê-los.

"Eu esperava que as pessoas tivessem orgulho do tigre", declarou Jianmin, "e agora tenho orgulho das pessoas". ■

Ashley Rainey Donahey é editora-gerente da revista eletrônica eJournal USA do Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA.

Para saber mais, consulte o site da Rare!

www.rareconservation.org

Crianças se fantasiam de tigre para o Festival do Tigre-Siberiano em Hunchun, China, em 2009. O festival — o primeiro desse tipo — foi organizado por Lang Jianmin da Rare Conservation .

Rare

©Chris Loades/Fauna & Flora International

A equipe da FFI descobriu uma próspera população de leopardos-das-neves no Tajiquistão

FAUNA E FLORA INTERNACIONAL

ajudando os outros a ajudar a vida selvagem

Heather Regen

Durante trabalho de pesquisa em baixo de grandes rochas e plantas emaranhadas na cadeia de montanhas Wakhan, na fronteira do Tajiquistão com o Afeganistão, David Mallon e sua equipe ficaram perplexos. Três meses antes, Mallon, cientista que trabalha para a Fauna e Flora Internacional (FFI), havia levado um grupo de cientistas locais e internacionais à Reserva Natural de Zorkul, no Tajiquistão, para catalogar sua biodiversidade. Para captar imagens da vida selvagem de Wakhan, a equipe havia instalado 11 câmeras de monitoramento. Porém, quando voltaram para coletar as imagens, só encontraram dez câmeras.

Quando Mallon baixou as imagens das câmeras, o mistério foi esclarecido: um grupo brincalhão de filhotes de leopardo-das-neves havia arrastado a câmera que faltava, levando-a para as montanhas.

Embora tivesse perdido uma câmera no projeto, a equipe da FFI havia conseguido informações vitais sobre a vida selvagem do Tajiquistão. Antes de a FFI visitar a Reserva de Zorkul, ninguém sabia exatamente quantos leopardos-das-neves viviam lá, mas as câmeras da FFI revelaram uma população grande, saudável e crescente de leopardos-das-neves — cenário raro para um animal em perigo de extinção. Eles haviam descoberto uma nova região fundamental para a conservação do leopardo-das-neves.

Construção da capacidade de conservação

Fundada em 1903, a FFI é a mais antiga organização conservacionista internacional do mundo. Uma das primeiras ações da FFI foi criar o Parque Nacional de Serengeti na Tanzânia, que os biólogos e conservacionistas consideram um dos lares mais seguros para as "Cinco Grandes" espécies perseguidas pelos caçadores clandestinos: leões, leopardos, elefantes, rinocerontes e búfalos-africanos.

Atualmente, a FFI permanece em seu papel de pioneira da conservação, expandindo seu alcance bem além da África na ajuda à preservação das espécies fundamentais em áreas em desenvolvimento do mundo onde a necessidade de conservação é urgente, mas a capacidade de conservação é subdesenvolvida.

Uma dessas áreas está na Ásia Central, onde a FFI está agindo para proteger uma abundância de plantas e animais ameaçados, inclusive os leopardos-das-neves.

Durante os últimos 16 anos, a caça clandestina e a perda de hábitat reduziram a população mundial do leopardo-das-neves em 20%,, de acordo com a FFI. Estima-se que hoje haja apenas 6 mil leopardos-das-neves nas selvas.

Inspirada por esse majestoso felino que pode saltar mais de nove metros e apanhar uma presa de peso três vezes o seu, a FFI está trabalhando com parceiros no Tajiquistão e no Quirguistão para estabilizar a população de leopardos-das-neves.

Com uma vasta gama de paisagens e ecossistemas, o Tajiquistão e o Quirguistão constituem parte do que os ambientalistas chamaram de "Ponto Crítico da Biodiversidade das Montanhas da Ásia Central" — área em que uma gama significativa de plantas e vida selvagem está ameaçada. Lar de cerca de mil leopardos-das-neves em perigo de extinção, esse ponto crítico é fundamental para proteger sua população e manter a biodiversidade da Ásia Central.

Contando com iniciativas locais

Em vez de enviar ao local seus próprios biólogos especializados em vida selvagem para impor a conservação de fora para dentro, há quase 15 anos a FFI vem capacitando cientistas, guardas florestais do parque e alunos de pós-graduação do Quirguistão e do Tajiquistão em métodos de conservação do leopardo-das-neves. Até agora, a FFI ajudou a capacitar quase 200 profissionais da região em conservação, dando-lhes as ferramentas necessárias para melhorar a conservação em uma região em que poucas organizações trabalham.

Alex Diment, gerente de capacitação e desenvolvimento do programa da FFI para a Eurásia, explica que reforçar as capacidades das organizações locais de conservação é vital para proteger os leopardos-das-neves na região. "Construir capacidade é parte essencial da nossa abordagem no Tajiquistão — possibilitar que a atual plataforma de forte capacitação científica seja ampliada para incluir técnicas de conservação novas e participativas".

Em 2011, Diment viajou para a Ásia Central para treinar 15 jovens cientistas do Quirguistão e do Tajiquistão em levantamento e monitoramento de biodiversidade. O grupo tinha origens bastante diversificadas, vindo de parques nacionais e universidades a escritórios governamentais regionais e organizações não governamentais locais. No entanto, todos tinham uma coisa em comum: a necessidade de instrução em estatística.

"Uma área em que realmente tinham dificuldade era entender como lidar com os números dos animais e plantas que contavam", explicou Diment. "Nos cursos de biologia não se costuma ensinar estatística. Muitos alunos nunca haviam ouvido conceitos vitais para os biólogos que monitoram as populações da vida selvagem e eles testaram minha capacidade de ajudá-los a aprender a entender."

Para construir essa habilidade fundamental, a equipe da FFI usou jogos informais para ensinar aos cientistas como empregar a estatística na análise dos dados que coletavam em sua pesquisa de campo. No final do curso, no entanto, os cientistas da turma de Diment haviam adquirido mais do que habilidades com cálculos numéricos. Ao treinarem juntos no programa da FFI, os alunos também se aglutinaram como uma rede de conservacionistas com ideias semelhantes.

"Quando chegam aos cursos de treinamento", disse Diment, "eles também têm a oportunidade de fazer novos amigos e contatos profissionais. Essa rede os ajudará a enfrentar os graves desafios futuros para a conservação da biodiversidade no país." ■

Heather Regen é da equipe de redação do Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA.

Saiba mais no site da FFI!

http://www.fauna-flora.org/

ASSOCIAÇÃO DE ZOOLÓGICOS E AQUÁRIOS

Mary-Katherine Ream

fazendo conexões por meio da conservação

©Manuel Balce Ceneta/AP Images

Visitantes do Zoológico Nacional Smithsoniano em Washington observam o elefante de 5 anos Kandula comer bolo de aniversário. Kandula nasceu em cativeiro como parte de um programa bem-sucedido de reprodução.

A maioria das pessoas nunca verá tubarões, elefantes ou pandas na vida selvagem. E isso torna a conservação desses animais muito mais difícil.

Para Steve Feldman, porta-voz da Associação de Zoológicos e Aquários (AZA) — organização sem fins lucrativos dedicada a conservação, educação, ciência e recreação —, essa situação é muito familiar.

Feldman citou um adágio bastante conhecido: "No final, conservaremos apenas o que amamos. Amaremos apenas o que entendemos. Entenderemos apenas o que nos foi ensinado."

Originalmente ditas pelo ambientalista senegalês Baba Dioum, essas palavras tocam profundamente a AZA e os conservacionistas do mundo.

"No mundo de hoje, cada vez mais urbanizado e voltado para a tecnologia, é um desafio para os jovens estabelecer uma conexão significativa com o mundo natural", disse Feldman. Sem essa conexão, é difícil para os jovens entender a importância da conservação.

Para preencher essa falta de empatia, os zoológicos e aquários reconhecidos pela AZA estão ajudando os jovens a se conectar com o meio ambiente por meio de programas educacionais e de trabalho de campo.

Criando empatia

De proteção de espécies na vida selvagem e conscientização dos legisladores à reprodução de espécies em cativeiro e educação dos estudantes visitantes, as organizações-membros da AZA mantêm uma variedade de programas dedicados à conservação e à educação.

Os zoológicos e aquários estão "conectando os jovens com os animais de forma única e íntima, o que os inspira a cuidar do mundo natural e da sua conservação", disse Feldman.

Como organização reconhecida pela AZA, o Zoológico Nacional Smithsoniano em Washington participa do Plano de Sobrevivência das Espécies da AZA, programa que permite que os zoológicos participantes troquem animais para pesquisa e reprodução. Por meio desse programa, desde 2004 o Zoológico Nacional Smithsoniano obteve sucesso na reprodução de seis ninhadas de guepardo, espécie em perigo de extinção.

O Zoológico Nacional Smithsoniano tem obtido tanto êxito na reprodução que seus esforços servem de modelo para o desenvolvimento de outros programas de conservação em zoológicos do mundo todo.

O programa de reprodução faz parte do Centro para Sobrevivência das Espécies, um dos seis centros administrados pelo Zoológico Nacional Smithsoniano. Outros centros têm como foco questões que vão de cuidado animal a proteção de hábitats, e todos fazem parte do Instituto de Biologia da Conservação Smithsoniano, entidade dedicada à conservação de espécies e ao treinamento educacional.

O Zoológico e Jardim Botânico de Cincinnati é outra instituição americana conhecida por seus esforços bem-sucedidos de reprodução. Segundo o zoológico, mais de 50% dos rinocerontes-negros, dos tigres-de-bengala brancos e dos gorilas-das-terras-baixas em cativeiro nasceram ali.

Educação para conservação

A reprodução de espécies em perigo de extinção pode ser apenas uma faceta da conservação; porém, para os zoológicos, é uma faceta importante. Ter mais animais significa atrair mais visitantes — e atrair mais visitantes significa fazer mais conexões.

Segundo a AZA, a cada ano mais de 12 milhões de estudantes da pré-escola ao ensino médio visitam os zoológicos e aquários por ela reconhecidos. Essas excursões propiciam aos estudantes a oportunidade de conhecer e apreciar centenas de espécies, além de interagir com os animais.

International Rhino Foundation

O rinoceronte-de-sumatra bebê Andatu e sua mãe.

Educar o público sobre a importância da vida selvagem está no âmago dos esforços de conservação de zoológicos e aquários. Em seu Plano de Ciência 2006-2016, o Zoológico Nacional Smithsoniano citou os programas educacionais — capacitação da próxima geração de conservacionistas e educação do público em geral — entre os seus primeiros cinco objetivos.

Da mesma forma, o Zoológico e Jardim Botânico de Cincinnati administra o Centro de Conservação e Pesquisa da Vida Selvagem em Perigo de Extinção (Crew), entidade de pesquisa moderna onde cientistas se empenham para salvar plantas e animais em perigo de extinção por meio de ciência, tecnologia e conscientização pública.

Recentemente, o Crew comemorou o nascimento de um rinoceronte-de-sumatra, o Andatu, em uma área de preservação na Indonésia. O Andatu é o primeiro rinoceronte-de-sumatra a nascer fora do Zoológico de Cincinnati desde o início de seu programa de reprodução em cativeiro em 1985. Após trabalhar com seus parceiros indonésios no Santuário de Rinocerontes-de-Sumatra por mais de uma década, a equipe do Crew vibrou pelo fato do rinoceronte Andalas — nascido no programa do Zoológico de Cincinnati e transportado para o santuário indonésio em 2007 — poder gerar um filho na selva e fazer essa contribuição considerável à sobrevivência das espécies.

Por meio de programas como esses, a AZA ajuda o Zoológico Nacional Smithsoniano, o Zoológico de Cincinnati e outras organizações por ela reconhecidas a responder ao chamado das palavras de Dioum. Ao dar ao público a educação que é vital para o entendimento do valor da vida selvagem, a AZA e seus afiliados desempenham um papel crucial na conservação. ■

Mary-Katherine Ream é da equipe de redação do Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA.

Esforços excepcionais: programas de reprodução premiados

Todos os anos, a AZA concede o Prêmio Edward H. Bean a um zoológico ou aquário que tenha obtido resultados excepcionais na reprodução de animais em cativeiro. Criado em 1956, o prêmio inicialmente agraciou os primeiros a se destacarem na reprodução em cativeiro; hoje, ele destaca programas que contribuam de maneira significativa para a conservação de espécies. A AZA seleciona os ganhadores com base no papel do programa de reprodução na preservação de espécies significativas e no compromisso de longo prazo da organização com o programa de reprodução, entre outros fatores. Segue abaixo uma seleção de ganhadores recentes do Prêmio Bean.

Primeiro colocado 2011
Zoológico de Atlanta — gorila-das-terras-baixas-ocidentais

Cinquenta anos após receber o primeiro gorila-das-terras-baixas, o Zoológico de Atlanta abriga agora 23 espécimes — a maior coleção dos Estados Unidos.

Primeiro colocado 2010
Parque Zoológico Nacional Smithsoniano — abetarda-gigante

O Aviário do Zoológico Nacional Smithsoniano fez história em junho de 2011 com o nascimento de sua 50ª abetarda-gigante. O zoológico tornou-se o quarto no mundo a reproduzir grandes aves terrestres quando iniciou seu programa de reprodução em 1997.

©AI Behrman/AP Images

Chewie, gorila fêmea de 8 anos, mastiga flores no Zoológico de Cincinnati.

Primeiro colocado 2009
SeaWorld San Diego — golfinho-nariz-de-garrafa

Mais de 75 golfinhos-nariz-de-garrafa nasceram no SeaWorld San Diego desde sua inauguração em 1964. O aquário também determinou com sucesso o sexo de quatro filhotes de golfinho antes de sua concepção por meio de inseminação artificial.

Primeiro colocado 2008
Zoológico Brookfield da Sociedade Zoológica de Chicago — macaco-de-goeldi

Começando com dez primatas selvagens em 1977, o Zoológico Brookfield possui agora a maior coleção de macacos-de-goeldi da América do Norte e foi agraciado cinco vezes com o Prêmio Bean por seu programa de reprodução em cativeiro.

Primeiro colocado 2007
Zoológico de Indianápolis — iguana-jamaicana

O Zoológico de Indianápolis implantou com êxito a primeira incubação e reprodução em cativeiro de iguana-jamaicana fora da Jamaica. Em 2006, o programa dobrou a população da espécie em cativeiro nos Estados Unidos.

Saiba mais no site da AZA!

http://www.aza.org

10 maneiras de **PARTICIPAR**

Há mais de 7 bilhões de pessoas na Terra. Imagine se cada um de nós se comprometer a fazer alguma coisa — por menor que seja — para proteger a vida selvagem todos os dias. Mesmo pequenas ações podem ter grande impacto quando todos trabalhamos juntos. Seguem algumas maneiras para você fazer a diferença:

1 Adote.

De animais selvagens a lugares selvagens, há opções para todos. Junte-se a colegas de classe para adotar um animal de uma organização de conservação da vida selvagem como o Fundo Mundial para a Natureza (WWF). Adoções simbólicas ajudam a financiar organizações.

2 Seja voluntário.

Se você não tem dinheiro para dar, doe seu tempo. Muitas organizações e zoológicos têm programas de voluntariado. Você pode ajudar a limpar praias, resgatar animais ou instruir visitantes.

3 Visite.

Zoológicos, aquários, parques nacionais e refúgios de vida selvagem abrigam animais selvagens. Saiba mais sobre as espécies do nosso planeta com especialistas. Veja as criaturas mais incríveis da Terra bem de perto.

4 Doe.

Quando visitar os zoológicos e reservas naturais locais, pague a entrada recomendada. Suas doações ajudam a manter essas áreas vitais de conservação.

5 Divulgue.

Compartilhe sua paixão pela conservação da vida selvagem com seus familiares. Diga aos amigos como eles podem ajudar. Peça a todos que conhece para prometerem fazer o que puderem para deter o tráfico de vida selvagem.

Gorila-das-terras-baixas-ocidentais segura filhote. Você pode ajudar a proteger seu hábitat natural reciclando seu telefone celular.

Eric Gevaert/Shutterstock.com

6 7 8 9 10

Compre com responsabilidade.

Ao não comprar produtos feitos com animais ou partes de animais em perigo de extinção, você pode fazer com que o tráfico de vida selvagem deixe de ser um negócio lucrativo.

Jogue o lixo no lixo.

O lixo não é apenas feio, é nocivo. A cabeça de aves e outros animais pode ficar presa em anéis de plástico. Peixes podem ficar presos em redes. Além disso, o lixo polui os recursos naturais de todos. Faça a sua parte colocando o lixo no devido lugar.

Recicle.

Encontre novas maneiras de usar as coisas que você já tem. Se não puder reutilizar, recicle. O Zoológico de Minnesota incentiva seus visitantes a reciclar telefones celulares para reduzir a demanda pelo coltan, mineral extraído do hábitat dos gorilas-das-terras-baixas.

Recupere.

A destruição de hábitats é a principal ameaça para 85% de todas as espécies ameaçadas e em perigo de extinção, segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza. Você pode ajudar a reduzir essa ameaça plantando árvores nativas, recuperando terras úmidas ou limpando praias de sua região.

Filie-se.

Esteja você interessado em proteger hábitats naturais ou impedir o tráfico de vida selvagem, encontre a organização que responda à sua paixão e participe. Filie-se. Mantenha-se informado. Apoie ativamente a organização que você escolher.

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA
BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS